

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT06.003

## A POTÊNCIA DA ESCREVIVÊNCIA: A INFLUÊNCIA DA ESCOLA EVARISTIANA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA

Cintia Quina<sup>1</sup>

### RESUMO

A partir de dados coletados de uma pesquisa em andamento, a proposta deste artigo é evidenciar o quanto o pensamento de Conceição Evaristo e, em especial, o acionamento do conceito de escrevivência têm ganhado força nas pesquisas acadêmicas nos últimos tempos e contribuído assim para um tipo de escrita e abordagens que rompem com modelos convencionados de produção acadêmica em várias áreas de conhecimento, com destaque para os estudos na área de Educação. Além do referido conceito, chamaremos a atenção para como uma determinada obra tem sido profundamente relevante para esses estudos, a qual é o caso de Ponciá Vicêncio. O caminho escolhido para o desenvolvimento dessa reflexão se deu a partir do levantamento de dissertações e teses produzidas entre os anos de 2007 e 2023. Esse recorte se justifica por compreendermos as alterações da LDB, Lei n.º 9394/96, pelas Leis n.ºs 10.639/2003 e 11.645/2008 como um importante impulsionador no que diz respeito ao desenvolvimento de uma educação antirracista em suas várias modalidades de ensino. Neste caso, direcionamos nossas reflexões para o Ensino Superior, por entendermos que esses estudos tendem a promover importantes transformações no cenário acadêmico, dentre elas o que tem sido chamado por algumas pesquisas como escola evaristiana, além de se

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da USP-FEUSP, e-mail: [cintia-quina@usp.br](mailto:cintia-quina@usp.br)

tornarem referência para pensarmos estratégias didático-pedagógicas para a educação básica.

**Palavras-chave:** Conceição Evaristo, escrituragem, escola evaristiana, Ponciá Vicêncio, educação antirracista.

## INTRODUÇÃO

Os caminhos que nos conduzem à escrevivência, no sentido de compreender a sua relevância do ponto de vista teórico-metodológico e as transformações que são promovidas nesses saberes e fazeres acadêmicos, têm como ponto de partida a obra da escritora Conceição Evaristo.

Os caminhos abertos por Evaristo nos possibilitam refletir sobre nossas vivências e também escrever sobre elas, as nossas chamadas escrevivências. Conceito esse que há 30 anos vem promovendo uma revolução na escrita, que não se restringe a uma produção literária, mas que também tem ganhado força na produção acadêmica e que, com isso, nos convida a repensar os cânones estabelecidos.

Esse processo de reexame dos cânones tem a ver não só com os referenciais teóricos trazidos para as produções acadêmicas, mas também com a sua linguagem. Essa escrita acadêmica que nos foi ensinada como algo frio e distante se transforma em algo muito mais presente e visceral.

Essa frieza e distanciamento estão relacionados a uma produção científica que se pretende neutra e universal, que nos ensinou que pesquisa e pesquisadora são coisas que não se misturam ou que pelo menos não deveriam se misturar, assim como água e óleo.

O movimento promovido pela escrevivência tem muito a ver com um movimento confluyente, de compartilhamento do mundo, como nos ensinou Antonio Bispo dos Santos (2023), que simboliza o encontro e o fortalecimento de saberes e existências, afinal não se trata de uma fusão que apaga as diferenças, mas sim de uma energia que impulsiona o compartilhamento, o reconhecimento e o respeito, permitindo que cada indivíduo seja ele mesmo, nesses múltiplos caminhos de transformação.

Conceição Evaristo (2020) afirma que a escrevivência nada tem a ver com uma escrita narcísica, pois não se trata de uma escrita limitada a uma ideia de um eu sozinho, mas sim de uma escrita “que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso

rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narcisoésurdo às nossasvozes”(p. 38), mas sim de Oxum e Iemanjá.

Os espelhos de Oxum e Iemanjá, afirmou a autora, nos permitem encontrar nossos rostos individuais e coletivos, pois nos descobrimos belas e nos reencontramos com as nossas potências que durante o processo colonial foram constantemente mutiladas. No nosso processo de potência coletiva, nos conscientiza da nossa capacidade em escrevermos nossas próprias histórias e que “anossa imagem, o nosso corpo, épotência para acolhimento de nossos outros corpos” (p.39).

Acerca dos sentidos da escrevivência, Maria Nazareth Soares Fonseca (2020) afirmou que estas discussões ganharam maior força quando são utilizadas em artigos, dissertações e teses e acerca da própria obra de Evaristo e os caminhos interpretativos se mostram variados, sobre isso ela afirmou que:

Como se pode perceber, o termo “escrevivência”, discutido pela própria escritora desde 1995, que o define como uma feição de sua escrita literária, aos poucos se transforma em uma potência signíca capaz de balançar os alicerces de uma ordem literária instituída(...o termo vem sendo retomado com base em ângulos de visão e pontos de vista que remetem à etnia e ao gênero. Os sentidos possíveis ao termo bordejam os gêneros abrigados pela noção de “escrita de si”, tal como se apresentam na autobiografia e na autoficção, mas também autorizam interações com outros termos e expressões que acolhem as relações entre sujeitos negros e modos de experienciar a memória e a própria vida. Escrevivência torna-se uma estratégia escritural que almeja dar corporeidade a vivências inscritas na oralidade ou a experiências concretas de vidas negras que motivam a escrita literária. (FONSECA, 2020, p. 65-66.)

Justamente pensando sobre essa pluralidade interpretativa que a obra de Evaristo nos proporciona, partindo dos elementos que Fonseca analisa, podemos compreender que o termo, enquanto essa potência que possui, não só balança as estruturas de uma ordem literária estabelecida, mas estabelece uma outra ordem literária, a partir do momento em que se constitui numa estratégia escritural que caminha com base em vários ângulos, que podemos compreender, não só necessariamente de visão,

mas de percepções à medida que corporifica nessa escrita experiências concretas de vidas negras.

Trazemos aqui a ideia de percepção em consonância com as discussões propostas por Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2021), que diz respeito a como, em especial as sociedades africanas, percebem e interagem com o mundo, onde se tem uma integração das experiências sensoriais, ancestrais e o contexto cultural e social e não somente a visão. Diante disso, é possível percebermos a força desse legado africano nessa produção que tem na figura de Evaristo hoje uma das nossas principais, senão a principal referência.

Nessa direção, também podemos nos referenciar naquilo que propõe a filosofia da ancestralidade que tem como um de seus representantes, o filósofo Eduardo Oliveira (2012), filosofia essa que tem como uma de suas características, a ética circular e a ancestralidade enquanto uma categoria analítica que justamente constrói essa ética, que não exclui ninguém, mas pelo contrário, valoriza a coletividade e o pertencimento, promovendo a identificação mútua em oposição a uma identidade individualista.

Diante do exposto, a valorização da ancestralidade nos permite o entendimento acerca de uma conexão que diz respeito a uma parentalidade que não se restringe a fins biológicos, e a aquelas/aqueles que já faleceram, mas sim às nossas mais velhas e aos nossos mais velhos, que são nossas bibliotecas vivas e que continuam movimentando a roda da vida.

Fernanda Felisberto (2020), ao tratar da escrevivência enquanto método, chamou atenção para uma experiência vivida enquanto docente do ensino superior ao observar o caminho que estudantes vinham fazendo em seus trabalhos de conclusão de curso:

(...)tenho observado que o momento da elaboração dos trabalhos de conclusão de curso, de parte dos estudantes, é uma etapa de impasse, de insegurança, pois eleger um tema com o atravessamento racial e na sequência selecionar uma orientação que tenha um acolhimento e um acúmulo na área nem sempre é fácil, uma vez que é o momento em que o fazer acadê-

mico se junta com o ativismo, e em muitos casos é momento da interdição (FELISBERTO, 2020, p. 170).

Em vista disso, podemos perceber que esse impasse, insegurança, momentos de interdição e também ativismo acadêmico acabam sem dúvida tendo continuidade na pós-graduação, pois a própria autora, não só relatando a experiência de suas/seus estudantes, nos conta o quão complexo é libertar de amarras acadêmicas, que:

(...) se traduzem muitas vezes em uma preocupação maior para acertar na forma, ponto recorrente de desqualificação, o que me conduz, com frequência, a titubear, e em alguns momentos engessam a minha capacidade criativa. Já fui traída algumas vezes pela minha escrita! Em diversas ocasiões, não encontro o léxico ideal, em outros, a estrutura que materialize o meu sentimento, o que torna o exercício da reescrita uma etapa constante em distintos artigos que produzo interdição. (FELISBERTO, 2020, p. 165)

Por essa razão, compreendemos a escrevivência como um operador teórico com tanta potência, por colocar Evaristo em diálogo com as mais diversas intelectuais que vivenciam em seus corpos e produções a experiência do racismo, imbricada com diferentes formas de opressão, “pararefletir a prática em torno da escrita de mulheres negras, e mulheres oriundas de camadas populares, e o impacto desse fazer em suas produções/vidas.” (p. 166).

Isto posto, verificaremos o que os nossos estudos nos revelaram.

## **DESENVOLVIMENTO: O QUE A PESQUISA TEM NOS MOSTRANDO**

O caminho escolhido para o desenvolvimento de nossa reflexão se deu a partir do levantamento de dissertações e teses produzidas entre os anos 2007 e 2023. Esse recorte se justifica por compreendermos as alterações da LDB Lei n.º 9394/96 pelas Leis n.º 10.639/2003 e 11.645/2008 como um importante impulsionador no que diz respeito ao desenvolvimento de uma educação antirracista em suas várias modalidades de ensino.

Diante disso, temos nos proposto a pensar como princípios societários africanos são acionados teórico-metodologicamente para fundamentar práticas educativas e estratégias didático-pedagógicas na efetivação da educação das relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira e, nesse processo de investigação, nos deparamos com várias pesquisas que faziam referência à obra de Conceição Evaristo. Durante o exercício de inventário das pesquisas, além de recorte temporal, estabelecemos alguns descritores específicos para a efetivação desse exercício que foram:

- relações raciais, ancestralidade, mulheres negras, mulheres indígenas, educação escolar indígena e educação escolar quilombola. Sobretudo quando usamos os descritores ancestralidade e mulheres negras, nos deparamos com estudos que faziam menção à obra de Evaristo.

De acordo com o levantamento realizado no recorte estabelecido e com o uso dos descritores já mencionados, localizamos um total de 29 pesquisas, sendo 13 dissertações e 16 teses, localizadas em diversas áreas, com uma preponderância para a área de Letras e Linguística, o que talvez possa num primeiro momento nos parecer até óbvio, tendo em vista que a autora de referência vem das Letras, pois Conceição Evaristo é mestra em letras-literatura brasileira e doutora em letras-literatura comparada.

O que consideramos importante salientar nesse caso, no sentido de reforçarmos esse debate, foi o que anteriormente já apontamos, no que diz respeito ao abalo dessas estruturas literárias canônicas há tempos estabelecidas, promovendo assim outras possibilidades e caminhos para essa produção literária.

Mas o que nos chamou ainda mais atenção foi justamente o fato de o pensamento da autora poder ser visto em outras áreas de conhecimento, como interdisciplinar e na educação, que depois das letras em que foi possível localizar o maior número de pesquisas.

Dentre as pesquisas observadas em nosso percurso outro aspecto relevante observado, além do uso do conceito de escrevivência, é que boa parte desses estudos apresentou como principal referência para análise a obra “Ponciá Vicêncio”, primeiro romance da autora publicado em 2003. Obra essa que trata de aspectos como a herança da escravidão, a experiência da migração, a busca por uma identidade, além da desigualdade social, violência contra a mulher e a memória ancestral.

Para melhor organizarmos esses estudos e pontuarmos a relevância do pensamento de Evaristo, ao sistematizarmos os dados, dividimos em: Escrevivência, Ponciá Vicêncio e Outras análises.

Nesse sentido, localizamos 12 estudos que tinham como ponto de partida a obra Ponciá Vicêncio, 9 que se referenciaram diretamente ao conceito de Escrevivência e 8 pesquisas agrupadas dentro dessa sistematização chamada de Outras análises, em que destacamos a referência ao pensamento de Evaristo, onde a análise se dava em torno de tê-la como tema central, a representação da mulher negra a partir da obra da autora ou como seu tipo de escrita nos ajudava a pensar determinados aspectos.

A título de exemplo, temos o estudo desenvolvido por Antonia Lana Alencastre Ceva (2013), tese defendida na área de Serviço Social, no qual o seu objetivo precípua foi a análise da produção literária de escritoras afro-brasileiras e angolanas enquanto instrumento de militância política e resistência sociocultural, e para refletir sobre esse papel da literatura afro-brasileira, a pesquisadora recorreu a Ponciá Vicêncio.

Ao finalizar a análise da obra de Conceição e das demais autoras selecionadas para o estudo, a pesquisadora concluiu que a escrita de autoria feminina negra constitui uma expressão de um projeto de construção de uma identidade racial que seja positiva e baseada em valores civilizatórios de matrizes africanas, como a memória, oralidade e ancestralidade.

Diante disso, o pensamento de Conceição Evaristo tem se colocado não só como um importante referencial teórico-metodológico, mas tem aberto inúmeros caminhos de pesquisa e contribuído sobretudo para a formação de pesquisadoras, pois verificou-se que, de acordo com o

recorte temporal definido para a nossa pesquisa, a maioria dos estudos que se referenciaram de alguma forma ao pensamento da autora foram produzidos por mulheres, ou seja, a voz dessas mulheres tem aparecido, direcionadas pelos ensinamentos de Conceição. Nesse sentido, vale destacar que, de um total de 29 pesquisas inventariadas, teremos 24 que foram produzidas por mulheres.

Agora, olhando para os estudos que apresentam mais especificamente o conceito de escrevivência para o embasamento de suas reflexões, temos como exemplo as pesquisas desenvolvidas por Amanda Crispim Ferreira (2013) e Helen Campos Barbosa (2019).

Na pesquisa de Amanda Crispim Ferreira, dissertação defendida na área de Letras, o acionamento do conceito se dará quando a autora definiu como objetivo de sua pesquisa observar aquilo que ela chamou de escrevivência afrofeminina, a memória coletiva afro-brasileira, ao defender que a memória seria a mola impulsadora da escrita de mulheres negras e, por essa razão, para o desenvolvimento de seu estudo, ela selecionou obras de memórias individuais das autoras, além de Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Geni Guimarães para o acesso a uma memória histórica, social e cultural afro-brasileira.

Como forma de concretizar a sua análise, ela selecionou textos em prosa e poesia das escritoras a fim de contribuir para o que ela apontou como a (re)construção da(s) identidade(s), a recuperação da história mutilada, a ancestralidade e a referencialidade negra no Brasil.

Já no caso de Helen Campos Barbosa, uma tese defendida na área da comunicação, se deu mediante a um estudo que se desenvolveu a partir da intersecção entre estética e política, contextualizando a produção musical feminina baiana conhecida como geração tombamento.

Diante disso, a autora propôs a apreensão da experiência estética a partir do conceito de escrevivência, que, enquanto uma metodologia, ao apontar a escrita performática enquanto estratégia política, a possibilitou dialogar sobre a produção musical de cantautoras negras baianas,

refletindo sobre a presença de corpos negros e femininos na produção musical brasileira.

Ao mesmo tempo que a permitiu localizar o seu próprio corpo de mulher negra enquanto pesquisadora e fruidora dessa musicalidade, que analisa a trajetória artística de quatro cantautoras baianas que têm em seus projetos musicais elementos ligados à ancestralidade negra e ao feminismo negro, percebendo assim que houve um processo de ressemantização do significado de uma estética que historicamente negou a cultura afro-brasileira.

Com isso, a relação entre os corpos negros femininos, suas identidades de gênero na construção de um projeto estético musical, de acordo com a autora, foi pensado ali num processo de reificação de memórias, uma grafia ou escrita que se desenha em suas performances, fruto desse legado ancestral da memória do corpo e da voz de mulheres negras baianas.

Tanto numa pesquisa quanto em outra, mesmo de áreas de conhecimento distintas, em anos diferentes e com caminhos de pesquisa que apresentam suas especificidades evidentemente, temos elementos importantes para pensarmos uma aproximação bastante significativa entre esses estudos, qual é a importância da memória.

No estudo de Ceva (2013), ela trouxe esse elemento, a partir da construção de uma identidade positiva que se baseia em valores civilizatórios de matrizes africanas, como a memória. Já para Ferreira (2013), essa ideia da memória vai aparecer quando ela fala da recuperação da história mutilada, enquanto para Barbosa (2019) aparece como processo de reificação da memória.

Nesse sentido, o que queremos destacar é quanto a memória é essencial para nós, pessoas negras, por atuar enquanto elemento de resistência, combatendo o apagamento histórico e fortalecendo a nossa identidade e o pertencimento cultural. Ao resgatarmos e preservarmos as nossas histórias, tradições e conquistas, temos uma ferramenta poderosa para o fortalecimento da nossa autonomia e o combate ao racismo.

Justamente essa arma tão poderosa que de formas diferentes foi apresentada pelas pesquisadoras, é um dos elementos que promove em nós essa conexão tão potente com a obra de Evaristo, pois compreendemos que mesmo a autora, ao tratar de memórias individuais em seus escritos, diz respeito a memórias coletivas tão fundamentais para as múltiplas existências negras.

Para exemplificarmos a categoria Outras análises, seguindo nesse movimento realizado nas categorias anteriores, trazemos o estudo de Ianá de Souza Pereira (2018), tese defendida na psicologia onde a pesquisadora apresentou e examinou memórias de escritoras negras brasileiras e moçambicanas, além de fazer uma aproximação entre temas enfrentados por depoimentos e por textos literários das escritoras.

Ao fim, a pesquisadora concluiu que essas escritoras analisadas, dentre elas Evaristo, representam mulheres negras que se fizeram ver e ouvir por meio de suas produções literárias, apesar da existência de mecanismos ideológicos que mantêm mulheres e pessoas negras quase que alijadas de papéis intelectuais e que precisaram de muito suporte. No caso de Evaristo, a pesquisadora destaca o papel da mãe e da tia materna.

Outro aspecto que ela destaca tem a ver com os referenciais históricos e dinâmicos de sua respectiva ancestralidade. Nesse sentido, Pereira chama a atenção para a importância da ancestralidade e da coletividade negra como uma base importante para esse fazer literário.

Quando tratamos de aspectos como memória, ancestralidade e coletividade, por exemplo, que foram abordados por diversos caminhos, nos remetemos ao que nos ensinou Azoilda Loreto da Trindade (2005), sobre a coletividade, que ela nomeou em seu estudo como cooperatividade, e nos ensinou que: "A cultura negra, a cultura afro-brasileira, é cultura do plural, do coletivo, da cooperação. Não sobreviveríamos se não tivéssemos a capacidade da cooperação, do compartilhar, de se ocupar com o outro. (p.35).

Diante disso, podemos compreender, portanto, o quão importante e que faz todo sentido que, durante sua trajetória e para a concepção de

seu fazer literário, Conceição Evaristo tenha tido o suporte de sua mãe e sua tia materna, que lavavam roupas cujo dinheiro contribuiu para o financiamento de seus estudos, pois diz respeito a essa coletividade, essa cooperatividade que se coloca como balizadora desse ser, pensar e criar.

Agora, nos atentando mais especificamente no campo da educação, nos deteremos a refletir sobre as pesquisas desenvolvidas por Hécio Fernandes Barbosa Junior (2019), Jacqueline de Almeida (2020) e Julia Rodrigues Nunes Café (2023) e como o pensamento de Evaristo reverbera nessas produções.

Um dos cinco pesquisadores localizados em nosso inventário, Barbosa Junior (2019), teve como objetivo em sua tese refletir sobre a cultura umbandista como um espaço de produção de saberes e, através das Giras de Umbanda, como a expressão desses saberes. Dentre os caminhos metodológicos utilizados pelo autor, temos os processos de escrevivência de Conceição Evaristo. Nesse sentido, o autor afirma que:

Pedindo passagem às diversas vozes que irão compor esta tese, destaco que se trata de uma inspiração na “escrevivência” presente na obra da escritora brasileira Conceição Evaristo (2017; 2017a), onde, na condução do texto, misturo experiências de vida a um trabalho acadêmico. Foi Evaristo quem abriu espaços em mim para uma proposta de escrita ainda não explorada. Lugares onde o umbandista, o professor e o pesquisador se misturam em uma narrativa, com momentos possivelmente de desequilíbrios, inspirados pela estética e pela cinética que as Giras de Umbanda suscitam (BARBOSA JUNIOR, 2019, p. 13)

Além de nos trazer a importância dessa mistura de umbandista, professor e pesquisador, a partir dos caminhos abertos por Evaristo para nos conduzir no seu processo de investigação, ele nos apresenta a gira enquanto elemento fundamental para a expressão desses saberes.

Trazendo mais uma vez o pensamento de Trindade (2005) para o envolvimento em nossas reflexões, esse envolver que, como nos ensinou Antonio Bispo dos Santos (2023), tem relação com o se conectar, que

seria o oposto de desenvolver, que para ele tem a ver com desconectar, tirar do cosmo.

Nesse sentido, estamos envolvidas com o pensamento de Trindade (2005), Santos (2023), a influência de Evaristo para compreendermos aquilo que Barbosa Junior (2019) nos propôs sobre a gira como caminhos de saberes. Assim sendo, podemos destacar o que Trindade nomeou como corporeidade, e sobre isso ela nos ensinou que:

(...) o corpo é muito importante, na medida em que com ele vivemos, existimos, somos no mundo (...) Neste sentido, precisamos valorizar nossos corpos e os corpos dos nossos alunos, não como algo narcísico, mas como possibilidade de trocas, encontros. Valorizar os nossos corpos e os de nossas crianças como possibilidades de construções, produções de saberes e conhecimentos coletivizados, compartilhado (TRINDADE, 2005, p. 34).

Pensando justamente nos corpos enquanto produções de saberes e conhecimentos produzidos coletivamente, Barbosa Junior concluiu que:

(..) as Giras de Umbanda enquanto alegorias, no sentido benjaminiano da palavra, enquanto vias de acesso a outros saberes, incluindo os ancestrais, propondo uma análise que vai além da racionalidade, apresentando o objeto estudado como possibilidades de outras leituras no espaço onde se encontra. (BARBOSA JUNIOR, 2019, p. 144)

Ao trazer a gira e sinalizar a existência de outras possibilidades de leitura, o autor nos convida a pensar no que ele aponta como uma outra forma de apreensão de saberes, por meio de uma outra pedagogia.

A possibilidade de pensarmos essa outra pedagogia, nos remete a uma ideia de ruptura ou, no mínimo, seguir por outros caminhos para a produção desse conhecimento, entendendo que aquele que já se encontra estabelecido não necessita ser a regra a ser seguida, pois ele afirmou que: “A Gira de Umbanda aparece aqui como um grande caminho a ser explorado para novas descobertas dentro do campo da Educação, onde o corpoévisto como produtor de uma linguagem muito específica”(144).

Quanto à importância da linguagem do corpo, a filosofia da ancestralidade nos ensina que o corpo é compreendido de forma bem diferente dos valores pregados pela cultura ocidental cartesiana, trata-se de um território de memória, sabedoria e existência em comunidade, pois diz respeito a um corpo coletivo, portanto, podemos compreender a prática da gira enquanto um corpo coletivo que produz esses saberes e que trazem consigo inúmeras memórias e sabedorias que são coletivas, que são importantes para pensarmos novos caminhos dentro do campo da educação.

A tese defendida por Jacqueline Almeida (2020) teve como objetivo investigar como as escritoras/mulheres negras mobilizam a linguagem poética; quais os recursos estilísticos utilizados; como é construída a voz que fala nos poemas e a escrita de si. Acerca de Evaristo, a autora nos afirmou que:

Nos seus escritos poéticos, Evaristo traz a voz de uma mulher negra consciente e pronta para lutar pelo seu espaço na sociedade moderna. As imagens depreciativas e estereotipadas do passado, que também percorrem grande parte dos seus versos, são por vezes retomadas e ressignificadas pela autora, de forma que não adormeçam diante dos nossos olhos (ALMEIDA, 2020, p. 118)

Diante do exposto, percebemos que dentre os aspectos investigados por Almeida, um que se colocará de forma bastante pulsante em sua pesquisa foi o da escrita de si, que diz respeito a uma prática filosófica e ética, que foi analisada aprofundadamente por Michel Foucault, que se refere ao conjunto de técnicas utilizadas por um indivíduo para refletir sobre si mesmo por meio da escrita. Esse tipo de escrita não se limita a somente registrar eventos da vida, como em uma autobiografia, por exemplo, mas na constituição e transformação do próprio sujeito. No Brasil, entre as principais autoras conhecidas por produzir esse tipo de escrita, temos a própria Conceição Evaristo, além de Carolina Maria de Jesus e Bianca Santana, para ficarmos em alguns exemplos.

Esse tipo de estudo nos convida a importantes reflexões em torno da questão da subjetividade das pessoas negras, pois ao escrevermos sobre nós, não se trata de um “eu” pré-existente e fixo, mas sim de algo que se encontra em (re)construção e dá forma à nossa própria subjetividade. Por essa razão, um processo contínuo de autoconhecimento e autoelaboração é necessário, sobretudo tendo em vista o processo de desumanização enfrentado pela população negra ao longo da história.

Uma das principais conclusões que a pesquisadora obteve ao realizar esse estudo foi a de que a mulher/escritora negra vem buscando, na linguagem (poética), um modo de fazer ressoar sua voz, romper as fronteiras do cânone literário, tencionar representações estereotipadas e estigmatizantes, problematizar o passado e o presente, transcender e (re)construir suas identidades racializadas e de gênero.

Um processo como esse se coloca como essencial, pois diz respeito a um ato de resistência e um contínuo processo de cura, autoconhecimento e empoderamento, que desafia e rompe com a lógica racista e afirma a riqueza e a pluralidade das identidades há tanto tempo silenciadas.

Já a dissertação defendida por Julia Rodrigues Nunes Café (2023) teve como o objetivo principal investigar as trajetórias de professoras negras que atuam no Ensino Fundamental I nas escolas públicas da cidade de Primavera do Leste-MT, dando atenção especial às formas pelas quais o racismo e o sexismo afetaram suas experiências de vida- formação, especialmente, o processo formativo na educação formal e suas experiências ligadas à atuação docente.

Inspirada no conceito de escrevivência, a pesquisadora construiu um caminho próprio para a escrita de sua dissertação, que ela denominou como ateliê ou costura “escrevivente”.

A construção desse ateliê de vivências ou dessa costura “escrevivente” implicava em tecer sua própria história com as trajetórias e as experiências significativas relatadas pelas professoras protagonistas da pesquisa. Desta forma, ela procurou trazer uma escrevivência plural e

coletiva, uma costura “escrevvente” desenvolvida a partir do entrelaçamento dessas histórias.

Ao fim da pesquisa, concluiu-se que a formação e a atuação docente das professoras foram e são atravessadas por desigualdades e por violências raciais e de gênero. Foi proposto que, para além de letramento racial e formação inicial e continuada para o desenvolvimento da educação para as relações raciais, étnico-raciais e de gênero, seriam necessários esforços coletivos da comunidade escolar, assim como o desenvolvimento de políticas públicas para que elas tenham as condições necessárias para efetivar a deseducação e poder construir a educação antirracista, antissexista e antimachista que se espera.

Nesse estudo, foi interessante observar a importância da (re)construção da identidade de mulheres negras juntamente com uma identidade docente, diante do histórico de desumanização da população negra. A pesquisadora nos alerta quanto à necessidade de se ofertar apoio psicológico para as docentes negras, pois os enfrentamentos diários vividos por elas geram um profundo adoecimento que inviabiliza que elas possam desfrutar de forma plena de sua vida pessoal e profissional.

Acerca disso, Frantz Fanon (2008) nos ensinou que o racismo e a lógica colonial não agridem as pessoas negras somente fisicamente, mas também psicologicamente, sobretudo as mulheres que ainda sofrem com os ideais sexistas do patriarcado.

Percebemos que, nas pesquisas no campo da educação, o pensamento de Conceição Evaristo reverberou de modo a nos fazer refletir acerca da possibilidade de pensar uma outra pedagogia, qual é a voz, o que querem e o que precisam dizer as mulheres negras a partir de seus escritos e a trajetória de docentes negras e os seus desafios.

Diante disso, é possível compreender que é fundamental a existência do autocuidado, do cuidado coletivo para a promoção do autoconhecimento, do empoderamento de pessoas negras, possibilitando que essas vozes possam ser ouvidas e lidas e que se caminhe por outras estradas de saberes que sejam mais condizentes com as nossas realidades.

Diante desses usos aqui abordados, Tatiara Pinto vai nos dizer o quanto a escrevivência é, portanto, um conceito revolucionário:

A escrevivência também se transformou em um meio para artistas de várias áreas do conhecimento poderem se ver legitimados e poderem, finalmente, expressar sua arte. Muitos fazeres antes mal olhados e mal pagos conquistaram certa visibilidade quando acompanhados da áurea que envolve a escrevivência. A escrevivência coloca em cena corpos interditados até então, é altamente inclusiva, por isso é um conceito revolucionário. Ao considerar a crítica literária brasileira, acostumada com critérios elaborados para analisar obras de autores não negros, é notório que a escrevivência tenha alcançado esse espaço crítico. A escrevivência caiu como um Oxé, ou machado de Xangô, na estrutura da crítica nacional, abrindo uma fenda nunca vista e dessa abertura vem saindo, cada dia mais, ‘vozes afogadas na viagem negreira’, para parafrasear um poema de Conceição. (PINTO, Tatiara, 2025, p. 1)

Ao longo deste trabalho, nos deparamos com essas várias “vozes afogadas negreiras” que emergiram para a superfície, nos trazendo a criação, a potência e os caminhos que foram abertos pela escrevivência. Assim sendo, é possível pensarmos em uma espécie de “escola evaristiana” ou uma “perspectiva evaristiana” de produção de conhecimento?

Essa questão nos surge por pensarmos a partir dos estudos apontados, numa determinada forma de escrita, de análise dos fenômenos históricos e sociais, que ao longo dos anos vem se consolidando e rompendo com um padrão de escrita há bastante tempo cristalizado no contexto acadêmico. Tendo em vista isso, nos parece bastante interessante, pois o que comumente se vê é que geralmente os métodos, os nomes das teorias, as escolas de pensamento são dificilmente associadas às mulheres.

Diante dessa reflexão, podemos citar estudos que já vêm fazendo referência a essa perspectiva evaristiana, como por exemplo, Imara Bemfica Mineiro e Valdício Almeida de Oliveira (2023):

(...) a escrita evaristiana é influenciada por pressupostos que enfatizam a relevância da representatividade e da identidade na literatura e, por conseguinte, coloca em evidência as histórias de subalternizadas. Assim sendo, ela resiste, (re)age e contesta a visão eurocêntrica da literatura como um campo

neutro e universal, dando voz às excluídas e às oprimidas, e denunciando as formas de discriminação e violência. (...) (MINEIRO; OLIVEIRA, 2023, p. 28)

Com isso, compreendemos que, entre os vários elementos contidos na obra de Conceição, a contestação a uma visão eurocêntrica de literatura e a voz de mulheres negras têm sido o farol para muitas pesquisas e pesquisadoras que pensam numa produção de conhecimento em que se exerça por caminhos diversos uma desobediência epistêmica.

Nesse processo de fortalecimento das vozes de mulheres negras, inspirada na obra de Evaristo, se constitui uma produção literária e acadêmica, como pudemos ver ao longo de nossas reflexões aqui contidas, um importante mecanismo para a conscientização e a luta pelos direitos humanos que reorganiza e estabelece questionamentos acerca de determinismos históricos, intencionando a desconstrução de discursos hegemônicos.

Outrossim, Adrielly da Silva Gomes et al. (2025) afirmam que “Oponto fulcral da escrevivência evaristianaécompreender que, embora o texto escrito esteja partindo de vivências singulares que atravessam fortemente o autor, ele nunca tem fim em si mesmo, mas no leitor-espectador-ouvinte.” (p. 4)

O que as autoras definem como leitor-espectador-ouvinte tem a ver com o fato de Evaristo mobilizar três papéis diferentes na recepção e interação que estabelecemos com a sua obra, nos convidando assim a ter uma postura ativa, de escuta sensível e crítica, rompendo o lugar passivo da recepção tradicional.

Portanto, a ideia do ato expressa inclusive no título do artigo de Gomes (2025), nos mostra que a escrevivência nãoé somente discurso, mas prática viva, ou seja, uma ação estética, política e pedagógica. Cada leitura que realizamos da obra de Evaristo se torna ato de resistência, uma vivência compartilhada que provoca reflexão e transformação.

Como pudemos perceber dentre as várias produções observadas em nosso exercício de inventário, essa ação estética, política e pedagógica se

fez presente, produzindo inúmeras reflexões e transformações em suas pesquisadoras.

Gomes inclusive nos chama a atenção para o fato de que a ideia não é restringir a obra de Evaristo, mas, a partir da incorporação de suas obras, ampliarmos sobremaneira o espectro do que observamos. Dentre as pesquisas analisadas em nosso inventário, foi possível perceber essa incorporação e ampliação desses horizontes.

Nesse sentido, a escrevivência de Conceição Evaristo se concretiza como ato político e estético que desafia o racismo estrutural. Por meio da palavra escrita, dita e encenada, o leitor-espectador-ouvinte é convidado a reconhecer-se como sujeito histórico e a participar ativamente dos processos de resistência e emancipação coletiva.

Em virtude desse movimento que cada vez mais vem se corporificando na produção acadêmica, nas mais variadas áreas do conhecimento, ou seja, transcende o campo das Letras e da Linguística e pode ser localizado inclusive em áreas como a Administração, com uma dissertação defendida em 2023 que, além de nos evidenciar a influência da autora, reforça o que Gomes aponta sobre incorporar e ampliar horizontes a partir do pensamento da autora.

Nessa perspectiva, a pesquisa de Anderson Souza Santos (2023) teve como objetivo descrever colonialidades inscritas nas falavivências do trabalho doméstico de caseiros negros do Espírito Santo. Metodologicamente, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, que envolveu as escrevivências do próprio autor, mostrando aí a influência do pensamento de Evaristo, a produção de diários de campo para a apreensão das falavivências de caseiros negros, considerando neste processo a inspiração na tradição da oralidade africana.

Os seus estudos lhe permitiram constatar que os resquícios das colonialidades do ser, saber e poder que marcaram e marcam as vivências se encobrem na naturalização do lugar do homem negro na sociedade e no mundo do trabalho, isto é, a preponderância desse lugar de subalternidade.

Diante do exposto, acerca dessa pesquisa, vale destacar dois aspectos que se conectam com as reflexões que estamos construindo aqui, diz respeito ao conceito de falavivência e à questão da oralidade africana.

Mais uma vez nos valendo daquilo que Trindade (2005) nos propôs acerca da oralidade, ela afirmou que “nossa fala é carregada de sentido, de marcas de nossa existência.” (p. 33) e que é importante potencializarmos momentos de saberes, memórias, desejos, fazeres pela fala, pois falar e ouvir podem ser libertadores.

Nesse sentido, a oralidade não está limitada a uma narrativa histórica, mas permeia manifestações culturais e filosóficas. A potência da oralidade, inclusive, nos traz a Oralitura, conceito que se destaca a partir da década de 1980 com os estudos da professora e pesquisadora Leda Maria Martins.

Dentre algumas de suas principais características, a oralitura se ancora na articulação oral e escrita, performance e corporeidade e a dinâmica textual, ou seja, temos uma intersecção entre a oralidade e o universo letrado, sua manifestação não se dá somente pelas palavras, mas também por meio de performance, gestos, mímica e ritmo, em um corpo que se torna lugar de memória.

Portanto, diz respeito a uma prática cultural que é viva e dinâmica, que se adapta a diferentes contextos interacionais e registros de linguagem, sejam eles formais ou informais.

Acerca da falavivência, conceito apresentado por Anderson Santos, o mesmo apontou que :

(...) o objetivo geral e específicos foram construídos em torno da expressão falavivências, que vem sendo uma tentativa do grupo de estudos orientado pela prof.ª Juliana Cristina Teixeira de adaptação de bases teóricas e políticas, do conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, para se repensar as formas de trabalhar a oralidade de pessoas negras em pesquisas também conduzidas por pesquisadores negros. (SANTOS, 2023, p. 43)

Com isso, ao longo de nossa reflexão, foi possível localizar não só a influência da escrevivência, que foi a nossa mola propulsora para essa escrita, mas também a ampliação de horizontes a partir do pensamento da autora com a criação de outros conceitos como a costura escrevente e a falavivência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: JÁ NASCEU A ESCOLA EVARISTIANA?**

Perante o exposto, pudemos acompanhar o quanto a escrevivência e a obra de Conceição Evaristo têm se tornado cada vez mais potentes e reverberado na produção acadêmica. Ao longo desse artigo, foram apresentadas nas mais diversas áreas do conhecimento, teses e dissertações, que foram produzidas tendo como referencial teórico- metodológico o conceito de escrevivência, reflexões a partir do que nos convida a pensar a obra Ponciá Vicêncio e a escrita de mulheres negras tendo como uma das referências o pensamento de Evaristo.

Nesse percurso, de reflexões em torno dessas pesquisas, trouxemos estudos produzidos no campo das Letras, o que se colocava como certa obviedade, tendo em vista a formação da autora, mas compreendemos que o que estávamos num primeiro momento entendendo como óbvio, não era tão óbvio assim, visto que estamos acompanhando dentro desse movimento literário a ruptura de cânones estabelecidos há gerações.

O que nos provoca uma surpresa bastante interessante é que foi possível localizar estudos em áreas do conhecimento que passavam muito longe da obviedade que presumíamos quando observávamos as pesquisas no campo das Letras. Estamos falando da dissertação defendida na Administração em 2023, que inclusive nos apresenta um novo conceito a partir das reflexões produzidas no contato com a escrevivência.

Pensando especificamente sobre aquilo que nos atravessa, buscamos perceber também o quanto a escrevivência tem se mostrado potente nas pesquisas no campo da Educação. Nesse sentido, fomos convidadas a

uma reflexão acerca de elementos fundamentais para pensarmos o ser e estar no mundo de pessoas negras.

Nos foram apresentados elementos para pensar uma outra pedagogia, isto é, partilha de saberes, de mundo, feita por nós, para nós e para os outros. Afinal, quando se elabora a partir de uma lógica de comunidade, de cooperativismo, é totalmente o oposto de uma ideia de exclusão ou segregação. Além disso, qual é a voz, o que querem e o que precisam e como dizer o que vivem, sentem, pensam, aprendem e compartilham as mulheres negras a partir de seus escritos e a trajetória de docentes negras e os seus desafios.

Aliás, pensar em docência negra, para além dos enfrentamentos cotidianos no ambiente profissional, que é fundamental que sejam estudados e debatidos exaustivamente, estamos falando de educação formal no Brasil, algo que nunca foi pensado para nós, mas que, porém, sempre foi um elemento importante para organização dos processos de luta e emancipação da população negra ao longo da história.

Nesse processo de muitas “costuras escritivas” que vamos construindo, como nos ensinou Café (2023), retomo uma questão aqui levantada: é possível pensarmos em uma espécie de “escola evaristiana” ou uma “perspectiva evaristiana” de produção de conhecimento?

Posto isto, acreditamos estar nascendo uma nova escola de pensamento, na verdade, assim como Azoilda Loretto da Trindade nos brindou com a conceituação e a sistematização dos valores civilizatórios afro-brasileiros, que são bastante presentes no pensamento de Conceição Evaristo, inclusive, o movimento que buscamos fazer foi o de evidenciar a potência de um conceito, de um pensamento e os frutos que ele tem gerado na academia nos convidando a seguir por uma outra estrada na produção científica, que seja muito mais sentida, vivida, produzida e representativa da realidade das suas pesquisadoras e pesquisadores.

A perspectiva evaristiana nos ensina que uma produção que traz uma narrativa coletiva em oposição a uma escrita individualista ou narcísica, que se apresenta enquanto um ato de resistência contra o silenciamento

histórico imposto às populações negras, profundamente vinculada com a oralidade, que se conecta com a ancestralidade e que tem o corpo como seu território, pode ser e tem nos mostrado isso, ser uma produção científica.

Não abrindo mão do rigor que um trabalho científico exige, mas que traz consigo outras possibilidades, rompendo com uma estrutura engessada que por várias gerações aprisionou e ainda aprisiona uma série de pesquisadoras e pesquisadores e muitas vezes os expulsa do espaço acadêmico. A possibilidade de uma “escola evaristiana” nos possibilita chegar, permanecer e retornar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jacqueline de. Mulheres negras contam suas histórias por entre os caminhos da poesia brasileira: as vozes de Conceição Evaristo e Miriam Alves. Tese (Doutorado em Educação) Luterana do Brasil, Canoas, Rio Grande do Sul, 2020.

BARBOSA, Helen Campos. Manifestos para ouvir: a experiência estética gendrerizada e racializada a partir das cantautorias de Manuela Rodrigues, Luedji Luna, Larissa Luz e Josyara. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

BARBOSA JUNIOR, Hélcio Fernandes. Descruza os braços e gira: saberes e escrituras na umbanda. Tese (Doutorado) de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

CAFÉ, Julia Rodrigues Nunes. Trajetória de vida - formação de professoras negras do Ensino Fundamental I em Mato Grosso. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Rondonópolis, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 2023.

CEVA, Antonia Lana Alencastre. Intelectuais negras: escrituras de mulheres negras brasileiras e angolanas como instrumento de resistência sociocultural. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUFBA, 2008.

FELISBERTO, Fernanda. *Escrevivência como rota de escrita acadêmica*. In: *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 164-180.

FERREIRA, Amanda Crispim. *Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar de memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2013.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Escrevivência: sentidos em construção*. In: *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 58-73

GOMES, Adrielly da Silva; ARAÚJO, André Luís de; MELO, Maria de Fátima de. *Processos de resistência e emancipação do leitor-espectador-ouvinte no combate ao racismo estrutural: a escrevivência de Conceição Evaristo em ato*. *Bakhtiniana, São Paulo*, 20 (3): e66711p, jul./set. 2025.

MINEIRO, Imara Bemfica; OLIVEIRA, Valdício Almeida de. *Autoridade e resistência: a literatura evaristiana denunciando violências contra a voz e o corpo negrofemininos*. *Caderno Seminal, Rio de Janeiro*, n. 46, 2023. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/76167>>. Acesso em: 7 fev. 2025.

OLIVEIRA, Eduardo David de. *Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira*. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Número 18: maio-out/2012, p. 28-47.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. . . 2021. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. 1. ed. - Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

PEREIRA, Ianá de Souza. De contos a depoimentos: memórias de escritoras negras brasileiras e moçambicanas. Tese (Doutorado)–Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.

PINTO, Tatiara. Escrivência–30 anos de um conceito revolucionário. Disponível em:<https://www.geledes.org.br/escrivencia-30-anos-de-um-conceito-revolucionario/>. Acesso em 07 fev. 2025.

SANTOS, Anderson Souza. Colonialidades inscritas nas falavivências no trabalho doméstico de caseiros negros no Espírito Santo. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores Civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. In: Valores afro-brasileiros na educação: boletim 22. Brasília: MEC, 2005. Disponível em: <<https://culturamess.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/01/valoresafrobrasileiros.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2025.